

RELIGIÃO E POLÍTICA EM DIETRICH BONHOEFFER

RELIGION AND POLITICS IN DIETRICH BONHOEFFER

Carlos Caldas¹

RESUMO

O presente artigo visa apresentar, em síntese, elementos de como religião e política se articularam na trajetória de Dietrich Bonhoeffer (1906-1945), teólogo e pastor protestante (luterano) alemão, vítima do nazismo por participar da resistência, um dos mais conhecidos e influentes pensadores cristãos do século XX. Em Bonhoeffer, há notável coerência entre biografia e teologia. Um olhar sobre sua história de vida revelará consistência entre pensamento e práxis vivencial.

Palavras-chave: Estudos bonhoefferianos. Cristianismo e sociedade. Ética social cristã. *Resistência e submissão.*

ABSTRACT

This article intends to present, even in brief, some elements on how religion and politics were articulated in the trajectory of Dietrich Bonhoeffer (1906-1945), German theologian and protestant (Lutheran) pastor, a victim of resistance to Nazism, and one of the most well known and most Christian thinkers of 20th century. In Bonhoeffer, there is an outstanding coherence between biography and theology. A look upon his life story will reveal consistence between theoretical thinking and life praxis.

Keywords: Bonhoefferian studies. Christianity and society. Christian social ethics. *Letters and Papers from Prison.*

As relações entre religião e política nem sempre têm sido fáceis no Brasil dos últimos – poucos – anos. Em nome da “laicização”, alguns pretendem que todo e qualquer elemento que de algum modo tenha a ver com religião seja ostracizado e banido da sociedade. Consciente ou inconscientemente, parece que o Brasil quer

¹ Doutor em Ciências da Religião (Universidade Metodista de São Paulo, 2000) e Bolsista PNPd-CAPEs na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia em Belo Horizonte (MG). E-mail: crcaldas2009@hotmail.com.

INTER-LEGERE

RELIGIÃO E POLÍTICA EM DIETRICH BONHOEFFER

Carlos Caldas

imitar (com cerca de três séculos de atraso) os extremos do Iluminismo francês, conhecido pelos rigores de seu anticlericalismo. Nesse sentido, a norma que se pretende dominante a todo custo é a de relegar a religião, sob qualquer de suas formas ou manifestações, para fora do âmbito da vida pública. Religião, dessa maneira, passa a ser vista como algo apenas e unicamente pessoal, privado. Nessa perspectiva, o religioso, qualquer que seja sua tradição ou afiliação confessional, é visto como “fundamentalista” e o contrário, ser não religioso, é visto como *cool*, por ser considerado atitude que revela mente aberta e tolerante (sem entrar no mérito da questão, pois, não raro, o que se vê é um fundamentalismo “às avessas”, em que quem apregoa que religião é sinônimo de repressão acaba sendo igualmente repressor e intolerante).

É inegável que há de fato exemplos lamentáveis de envolvimento entre religião e política, não somente no Brasil de tradição cristã, de predomínio católico-romano. Em virtualmente todas as épocas e lugares e em todas as tradições religiosas, tem havido casos de abuso na relação entre religião e política, histórias tristes de simbioses que apenas ajuda(ram) a manutenção do poder e dos interesses de classes dominantes.

Porém, de igual maneira, houve e há também exemplos diferentes, exemplos de quem, a partir de sua convicção religiosa, lutou e se sacrificou visando o bem-estar da sociedade. É o caso que se verá no presente artigo, que visa apresentar, em síntese, como religião e política se articularam de maneira coerente na trajetória intelectual e pessoal de Dietrich Bonhoeffer (1906-1945), pastor luterano e teólogo alemão, integrante da resistência interna alemã ao governo nacional socialista, executado há exatos 70 anos por seu envolvimento em um complô fracassado contra o Chanceler Adolf Hitler.

Dietrich Bonhoeffer nasceu em Breslau (atualmente, Wrocław, Polônia) em 4 de fevereiro de 1906, filho de Karl Bonhoeffer e Paula von Hase. Seu pai era médico psiquiatra renomado e bem-sucedido no exercício da profissão e a família de sua mãe era da antiga nobreza germânica. Logo, nosso biografado era um *natu nobilis*,

tendo nascido em “berço de ouro”, como se costuma dizer². Dietrich e sua irmã gêmea, Sabine, eram o quinto e sexto de oito filhos. Logo, a família mudou-se para Berlim, onde seu pai, Dr. Karl Bonhoeffer, clinicava e lecionava na Faculdade de Medicina da universidade daquela cidade. Na capital alemã, a família fixou residência em um bairro de elite. Foi uma surpresa para todos quando o jovem Dietrich anunciou sua decisão de estudar teologia e ingressar no pastorado da *Evangelische Kirche*, a Igreja Luterana, afinal, pensava-se que ele fosse escolher algo mais promissor para seu futuro. Além disso, enquanto *Frau Paula* era uma cristã piedosa e devota, seu marido era agnóstico. Contudo, ele nunca se opôs a que a esposa levasse as crianças para participarem de cultos, muito embora nunca tenha assumido a fé cristã. Tendo tomado sua decisão, Dietrich ingressou na Faculdade de Teologia da Universidade de Berlim. Muito jovem (1927), doutorou-se com a tese intitulada “Sanctorum Communio” (BONHOEFFER, 2009)³. Seu *Doktorvater* (orientador de tese) foi o teólogo Reinhold Seeberg. Chama a atenção o fato de que Bonhoeffer tinha apenas 21 anos quando produziu essa obra. Trata-se de um texto difícil e complexo que, quase 90 anos depois de publicado pela primeira vez, continua denso e profundo, uma obra digna da tradição germânica de rigor acadêmico. Há um diálogo extenso com a filosofia idealista alemã e uma defesa, por assim dizer, do aspecto da socialidade da vida humana e, por conseguinte, da Igreja enquanto grandeza sociológica, não apenas teológica. Bonhoeffer (2009, p. 130-131) afirma: “Há de fato apenas uma religião na qual a ideia de comunidade é um elemento integral de sua natureza, a saber, o cristianismo”.

Bonhoeffer foi, logo após esse período, por um breve tempo, pastor de uma igreja luterana de língua alemã em Barcelona, Espanha, trabalhando com imigrantes alemães, que eram trabalhadores pobres. De volta ao seu país natal, completou sua tese de pós-doutorado (*Habilitationsschrift*), intitulada “Akt und Sein” (“Ato e ser” – BONHOEFFER, 1996 – a “Habilitação”, que se segue ao doutorado, é exigida na Alemanha para professores universitários). Em “Akt und Sein”, Bonhoeffer mais uma

² Esse dado biográfico terá muita importância quando são levadas em consideração algumas das decisões pessoais de Dietrich Bonhoeffer, bem como algumas de suas reflexões teológicas.

³ Essa obra ainda não se encontra disponível em português.

INTER-LEGERE

RELIGIÃO E POLÍTICA EM DIETRICH BONHOEFFER

Carlos Caldas

vez dialoga com a filosofia, mais especificamente, com a epistemologia (dialoga com Kant) e com a ontologia, para entender a realidade da pecaminosidade humana, do relacionamento com Deus e com a necessidade da cruz. Utilizando as expressões paulinas “em Adão” e “em Cristo”, Bonhoeffer comenta como estando “em Adão” o homem vive em uma condição de *cor curvum in se* (“coração voltado para si mesmo”), e que a única solução para essa crise é e está “em Cristo”⁴.

O jovem Dietrich Bonhoeffer passou o ano letivo de 1930-1931 como pesquisador visitante (*Visiting Fellow*) no Union Theological Seminary em Nova York⁵. Naquele ano, Bonhoeffer foi um dos contemplados com uma bolsa de *Sloane Fellowship*, concedida anualmente a três estudantes estrangeiros. Logo, o título exato de sua posição era *Sloane Fellow*⁶. Durante esse período, frequentou assídua e ativamente a Abyssinian Baptist Church no Harlem, tradicional bairro negro daquela cidade. Uma decisão no mínimo inusitada: um alemão ariano luterano de classe alta frequentando uma igreja de norte-americanos negros batistas de classe baixa. Este e outros episódios de sua vida mostram que em Bonhoeffer houve uma coerência, nem sempre fácil de se encontrar, entre teoria e prática de vida. Durante esse tempo, fez-se amigo de Frank Fisher (Franklin Albert Fisher), um jovem negro membro da citada igreja. Bonhoeffer, Fisher e Jean Lassere, um pastor protestante francês com tendências pacifistas, fizeram uma interessante viagem rumo ao sul, ao México e depois a Cuba⁷. A respeito da viagem de Bonhoeffer aos dois países latino-americanos, Ramos (2007, p. 68) escreveu:

Fez uma curta viagem a Cuba, no Natal de 1930 [...] ministrou algumas aulas na escola alemã de Havana e pregou duas vezes para a pequena comunidade evangélica de origem germânica. Deste período conserva-se uma carta enviada de Cuba a seu superior em Berlim, o superintendente Diestel, onde relata sua impressão de elementos como a temperatura e a vegetação local, e outra a seu irmão Karl-Friedrich, em razão de seu aniversário. Ele chegou a

⁴ Para uma leitura crítica de “Act and Being”, consultar Janz (2004).

⁵ Para detalhes, consultar Bonhoeffer (2008).

⁶ Williams (2013).

⁷ Para detalhes, consultar Schlingensiepen (2010, p. 69-73).

INTER-LEGERE

RELIGIÃO E POLÍTICA EM DIETRICH BONHOEFFER

Carlos Caldas

visitar também o México, onde observou monumentos arqueológicos astecas, além de algumas comunidades e seminários evangélicos.

É interessante observar as impressões (não muito entusiasmadas) de Bonhoeffer sobre o protestantismo nova-iorquino (talvez não muito diferente da situação no restante do país) da época:

Em Nova York prega-se sobre virtualmente qualquer coisa; só tem um tema que não é tratado, ou é tratado tão raramente que não o ouvi nem uma vez, a saber, o evangelho de Jesus Cristo... Então, o que está no lugar da mensagem cristã? Um idealismo social e ético nascido de uma fé no progresso que – quem sabe como? – alega-se o direito de se chamar “cristão”. E no lugar da igreja como congregação de crentes em Cristo está a igreja como corporação social. Qualquer um que tenha visto a programação semanal de uma das grandes igrejas de Nova York com seus eventos diários, quase que de hora em hora, como chás, palestras, concertos, eventos de caridade, oportunidades para esportes, jogos, boliche, danças para qualquer faixa etária, qualquer que esteja familiarizado com o nervosismo constrangedor com que os pastores fazem tanta coisa para conseguir mais membros⁸ – esta pessoa poderá ter uma boa ideia de como é o caráter daquela igreja... Para equilibrar o sentimento de vazio interior que sempre surge (e em parte também para encher os cofres da igreja) algumas destas igrejas contratam um evangelista para um “avivamento” uma vez por ano (BONHOEFFER, 2008, p. 313-314).

Sua impressão dos seminaristas do Union também não foi das melhores:

Um seminário no qual muitos estudantes gargalham durante uma palestra pública porque acham engraçado quando uma passagem sobre pecado e perdão do *De servo arbitrio* de Lutero é citada

⁸ A expressão usada no original é *the pastor lobbies for membership*. A ideia é que Bonhoeffer vê a igreja protestante estadunidense como um todo não como uma igreja no sentido teológico luterano, mas como uma organização social. Por conseguinte, os pastores estavam empregando esforços humanos que têm pouco (ou nada) a ver com a ação do Espírito Santo para que suas igrejas cresçam em número de membros. Bonhoeffer decerto diria que tudo isso acontece pelas razões erradas. Tantos anos depois de ditas pela primeira vez, suas palavras de crítica profética continuam com uma atualidade impressionante. O contexto brasileiro não é diferente do descrito por Bonhoeffer na primeira metade do século passado.

INTER-LEGERE

RELIGIÃO E POLÍTICA EM DIETRICH BONHOEFFER

Carlos Caldas

obviamente, a despeito de suas muitas vantagens, se esqueceu da essência da teologia cristã (BONHOEFFER, 2009, p. 309-3100).

Em compensação, Bonhoeffer não esconde seu entusiasmo pelo evangelicalismo negro:

Em contraste com o aspecto quase sempre de palestra do sermão “branco”, o “Cristo negro” é pregado de maneira vívida e paixão cativante. Qualquer um que tenha ouvido e entendido os *Negro spiritual* sabe a respeito [dessa] estranha mistura de melancolia contida e alegria esfuziante (BONHOEFFER, 2009, p. 315).

Em suma, o ano que Bonhoeffer passou nos Estados Unidos, com decepções e alegrias, foi muito enriquecedor. Bonhoeffer tinha espírito ecumênico e sua participação na *Abyssinian* o demonstra claramente. Uma das características do espírito ecumênico é a capacidade de ouvir o outro, de aprender com o diferente, não uma postura de quem se julga senhor da razão, acreditando que não tem nada a aprender com ninguém, apenas ensinar. Em uma carta ao seu orientador, Seeberg, Bonhoeffer disse: “não há dúvida que somente através de contato ativo com outros modos de pensamento se é levado à formação e compreensão do que é único para si mesmo” (BONHOEFFER, 2009, p. 119).

Em 1931, retornou a Berlim e foi ordenado pastor luterano, com 25 anos de idade. O início da década de 1930 na Alemanha foi um período de intensa agitação social e política: a crise da República de Weimar, uma superinflação e a eleição de Adolf Hitler ao cargo de Chanceler do país (em 1933), isto é, o início do Terceiro Reich. Durante o semestre letivo de 1932-1933, ministrou um curso sobre os três primeiros capítulos de Gênesis na Faculdade de Teologia da Universidade de Berlim, que resultou em seu livro *Schöpfung und Fall (Criação e queda)*, ainda não

publicado no Brasil (BETHGE, 1970, p. 161-164)⁹. Em tempos de agitação e instabilidade política, Bonhoeffer chamou a atenção de seus estudantes para a confiabilidade da palavra de Deus. Passadas mais de oito décadas desde a primeira vez que foram proferidas, essas palestras de Bonhoeffer continuam tendo grande relevância, mesmo no contexto brasileiro. Ao comentar as narrativas da criação e da queda no início do Gênesis, Bonhoeffer levanta a questão hermenêutica, que é como que uma “marca registrada” de sua abordagem à Bíblia: sua proposta metodológica é ler esses capítulos não em perspectiva darwinista nem criacionista, mas em uma perspectiva cristológica. No ano seguinte, 1933, Adolf Hitler, tal como já mencionado, foi eleito Chanceler da Alemanha. Aquele foi um ano extremamente tenso e intenso para Bonhoeffer. Não demorou para que o jovem pastor e teólogo se tornasse conhecido por sua oposição ao regime então no poder, pois facilmente percebeu o rumo que a situação estava tomando na Alemanha.

No primeiro dia de fevereiro de 1933, Bonhoeffer recebeu um convite para fazer um discurso em uma emissora de rádio (SCHLINGENSIEPEN, 2010, p. 117), única vez em sua vida que ele falou em um programa radiofônico. O título da palestra era em si uma provocação: “The Younger Generation’s Altered View of the Concept of *Führer*” (“O conceito alterado de *Führer* da geração jovem”). Corajosamente, ele criticou o fato de Hitler ter se tornado não o *Führer* – “líder” –, mas o *Verführer* – “sedutor” – da Alemanha. Tão logo ele pronunciou essas palavras de crítica, um funcionário da rádio desligou seu microfone.

O cristianismo na Alemanha quase que em sua totalidade apoiou sem reservas a política do novo governo. Adolf Hitler era o *Führer* – palavra que significa, literalmente, “guia” (como um guia turístico de uma excursão, por exemplo) ou de maneira mais precisa, nesse contexto, “líder” – também da vida religiosa do país. Uma das primeiras medidas adotadas por Hitler foi o assim chamado *Arierparagraph* – o “Parágrafo Ariano”, que visava eliminar cidadãos de origem judaica de todos os setores da sociedade, até mesmo das igrejas. O segmento cristão que se submeteu acriticamente ao governo alemão ficou conhecido como *Deutsche Christen* –

⁹ É interessante observar que Bonhoeffer, a princípio, não queria que o material dessas suas aulas fosse publicado em forma de livro, mas seus alunos insistiram muito com ele, que finalmente cedeu.

“Cristãos alemães”¹⁰. Os *Deutsche Christen* foram organizados em 1931. Seu objetivo era fazer com que *Das Christentum* (“a cristandade”) na Alemanha tivesse fidelidade sem quaisquer reservas, escrúpulos ou pruridos a todo o programa do Nacional Socialismo. Richard Steigmann-Gall demonstra como os nazistas propunham uma reinterpretação da fé cristã em moldes da ideologia ariana, através do que denominavam “cristianismo positivo” (*Positives Christentum*; STEIGMANN-GALL, 2004). O próprio Hitler queria que Ludwig Müller, que lhe era inteiramente fiel, fosse bispo dessa igreja, com a responsabilidade de presidi-la. Atendendo ao desejo do Chanceler, os *Deutsche Christen* por unanimidade elegeram Müller como *Reich Bischof* (literalmente, “bispo do governo”) na igreja do Castelo de Wittenberg, sob o túmulo de Lutero. Franz Hildebrandt, pastor luterano de ascendência judaica e amigo de Bonhoeffer, conhecido por seu bom humor e ser sempre “piadista”, na ocasião disse, não sem sarcasmo, que, na hora da eleição de Müller, Lutero se revolveu em seu túmulo (METAXAS, 2010, p. 190).

Em abril daquele ano, Bonhoeffer publicou seu ensaio “Die Kirche vor der Judenfrage” (“A igreja e a questão judaica”), em resposta ao Parágrafo Ariano. Nesse texto, uma reflexão verdadeiramente seminal, publicado na íntegra no jornal *Vormarsch*, Bonhoeffer faz o que se conhece por teologia política, pois literalmente conjuga teologia e política, de uma maneira virtualmente impensável para a teologia luterana da época, tendo em vista que ele critica o Estado e, ainda mais difícil, o faz em defesa do povo judeu.

Quanto a isso, há que se lembrar que o luteranismo abraçou o conceito de *dois reinos* de Lutero¹¹: um, o reino temporal, o Estado, responsável pelas questões sociais e políticas; e o outro, o reino espiritual, a Igreja, responsável pelas almas dos homens e os assuntos espirituais em geral. Com base na doutrina dos dois reinos, a Igreja não deveria interferir em questões de natureza política. Foi exatamente nesse

¹⁰ Passados 70 anos desde o fim da guerra, ainda permanecem um tanto misteriosas as causas da adesão quase que total do cristianismo alemão às propostas de reconfiguração da fé cristã em moldes nacional-socialistas. Para tentativas de interpretação, consultar, entre outros, Lutzer (2004) e Oliveira (2011).

¹¹ A bem da verdade, há que se destacar que a ideia de *dois reinos* é anterior a Lutero. Já na Idade Média, pensava-se nesses termos. Para um estudo da ideia dos dois reinos no contexto da tradição luterana, consultar Duchrow (1987).

ponto que Bonhoeffer ousou romper com o modelo de teologia luterana praticado na Alemanha de seu tempo¹². Ele o fez em termos contundentes, chamando esse tipo de teologia de “pseudoluteranismo” (BONHOEFFER, 2009, p. 126, 162). Nesse sentido, não há como negar que Bonhoeffer praticou uma teologia pública, pois tratou da questão do dia, por assim dizer, em discussão na sociedade alemã da época, em perspectiva de uma teologia profética de denúncia do mal. Bonhoeffer alerta para o perigo de a Alemanha tornar-se um *Unrechtsstaat* – “Estado de injustiça”. Para Bonhoeffer (*apud* KELLY; NELSON, 1995, p. 132), se o Estado agir com injustiça, à Igreja cabe “a obrigação incondicional para com as vítimas, mesmo que elas não pertençam à comunidade cristã” (KELLY; NELSON, 1995, p. 132). Ele prossegue e dá um passo ainda mais avançado em sua proposta de ação ética para a Igreja em contextos onde a injustiça é dominante, quando usa uma de suas mais conhecidas, belas e ousadas expressões: em situações assim a Igreja deve não apenas ajudar as vítimas da injustiça, mas também se colocar, mesmo correndo riscos (riscos que mais tarde ele enfrentou e assumiu até as últimas consequências), como *Dem Rad in die Speichen fallen* (“uma trava nos (entre) os raios da roda”, o que fará com que o veículo pare de rodar; KELLY; NELSON, 1995, p. 132). A metáfora aponta para colocar-se nas rodas da injustiça para fazer o carro da maldade parar de andar.

Em agosto de 1933, Bonhoeffer e alguns colegas se encontram em Bethel, onde a Igreja Luterana alemã tinha um hospital, um centro para recuperação de desabilitados e um seminário teológico, e ali formulam o texto da *Confissão de Bethel*, com o objetivo de refutar as teses do “cristianismo alemão”. Bonhoeffer escreveu um primeiro rascunho da confissão, que foi submetido a um comitê. O texto foi reescrito e em sua forma final segue o padrão de, em cada artigo, apresentar primeiramente o que o “cristianismo alemão” pensava a respeito daquele tópico e, a seguir, a refutação desse pensamento.

Antes de prosseguir, é necessário deixar bem claro que o que se apresentará na sequência não é uma descrição exaustiva da situação do protestantismo alemão

¹² Para detalhes a respeito, consultar Hansen (2003).

INTER-LEGERE

RELIGIÃO E POLÍTICA EM DIETRICH BONHOEFFER

Carlos Caldas

na época imediatamente anterior à eclosão da guerra. Era um quadro, diga-se, confuso para quem não lhe pertence. O protestantismo alemão de então era quase que em sua totalidade luterano, mas também havia as *Freikirchen*, “igrejas livres” (metodistas, batistas e outros grupos menores). Havia 28 igrejas territoriais independentes (*Landeskirchen*), que formavam a Federação Evangélica Alemã de Igrejas (*Deutscher Evangelischer Kirchenbund*), compreendendo igrejas luteranas e reformadas. O maior grupo era a Igreja Evangélica Unida na Prússia (*Evangelische Kirche der altpreußischen Union*).

O movimento dos *Deutsche Christen*, a respeito de quem se explicará na sequência, pretendia unificar todos os grupos evangélicos em uma única igreja, que seria a *Deutsche Evangelische Kirche* (“Igreja Evangélica Alemã” ou *Reichskirche* – “Igreja do Reich”; FERREIRA, 2010, p. 14). No mês seguinte, setembro, no dia 11 (décadas mais tarde esse dia seria símbolo de uma tragédia), preocupado com o Parágrafo Ariano e com a tentativa de “germanização” do cristianismo levada a cabo pelos *Deutsche Christen*, um grupo de pastores e teólogos se uniu e formou o grupo conhecido como “Movimento dos Jovens Reformadores” (*Jungreformatorische Bewegung*), liderado por Walter Künneth e Hans Lilje (FERREIRA, 2010, p. 9-36). O Movimento dos Jovens Reformadores foi a semente da *Pfarrenotbund* – “Aliança (ou Liga) de Emergência de Pastores” –, à qual se uniram Herbert Goltz, Jacob Gunther, Eugene Weschke, Martin Niemöller e Dietrich Bonhoeffer (FERREIRA, 2010, p. 15). A Aliança foi a precursora da *Bekennende Kirche*, a “Igreja Confessante”. Os idealizadores da liga foram Jacob Günter e Eugene Weschke, que também eram pastores luteranos (SCHLIENGENSIEPEL, 2010, p. 137; FERREIRA, 2010, p. 9-36). Da Igreja Confessante, participaram também Bonhoeffer e alguns outros líderes, como Martin Niemöller (1892-1984), que fora combatente da Marinha de guerra alemã na Primeira Guerra Mundial, tendo inclusive sido condecorado com a *Eisernes Kreuz* (“Cruz de Ferro”), a mais alta comenda militar alemã (METAXAS, 2010, p. 137). Formou-se assim um grupo que se opôs ao Parágrafo Ariano. Para o grupo da Igreja Confessante, o seu *Führer* não é outro a não ser Jesus Cristo, ou seja, não é um líder humano. Bonhoeffer, nesse período, e outros, como o conhecido teólogo Karl Barth (1886-1968), mesmo sendo suíço, trabalham na formulação da

INTER-LEGERE

RELIGIÃO E POLÍTICA EM DIETRICH BONHOEFFER

Carlos Caldas

Declaração Teológica de Barmen, importante documento teológico que expressa a posição do grupo que se posicionou contrário à reconfiguração do cristianismo em moldes arianos, proposta, e até certo ponto praticada, pelo governo alemão naquela época¹³. Deflagrou-se dessa maneira a *Kirchenkampf*, “luta (ou disputa) pela igreja”. A grande questão era: qual seria a forma da Igreja cristã na Alemanha – a que aceitaria sem reservas o princípio “um povo, um governo, um líder” (*Ein Volk, ein Reich, ein Führer*) ou a que se submeteria apenas ao senhorio de Jesus Cristo, conforme revelado na totalidade das Escrituras judaico-cristãs? Nesse período, Bonhoeffer liderou a formação de pastores para a Igreja Confessante no seminário *underground* daquela igreja em Finkenwalde. É desse período que são dois livros de Bonhoeffer, bem diferentes dos textos acadêmicos alentados até então publicados: *Vida em comunhão* (1997) e *Orando com os Salmos* (2010)¹⁴. São duas obras mais simples, no sentido de que não foram escritas com preocupação acadêmica, mas densas e ricas em conteúdo espiritual e devocional. O fato de Bonhoeffer tê-las escrito mostra que ele soube aliar, sem divórcio, assaz comum em muitos outros pensadores, reflexão intelectual e prática piedosa. *Vida em comunhão* tornou-se um clássico da espiritualidade cristã do século XX. O livro é uma orientação para a vida diária dos seminaristas de Finkenwalde, a já mencionada casa de formação pastoral da Igreja Confessante. Bonhoeffer faz uma espécie de adaptação de um modelo monástico beneditino para a vida dos seminaristas luteranos, demonstração eloquente de seu espírito ecumênico. Ele apresenta uma visão bem elevada da Igreja e de Cristo como o fundamento da vida da Igreja. Por conseguinte, a Igreja deve ser uma comunidade de amor. *Orando com os Salmos* é uma obra interessante pelo menos por duas razões: a primeira é a explicitação de sua chave hermenêutica para a leitura do Antigo Testamento. Em moldes tipicamente luteranos, Bonhoeffer expõe Cristo como a chave para a interpretação da Bíblia Hebraica. Ele lê os Salmos a partir do princípio hermenêutico de Lutero, de buscar nas Escrituras was

¹³ Para o texto completo em português da Declaração Teológica de Barmen, consultar <<http://www.luteranos.com.br/textos/a-declaracao-teologica-de-barmen>>. Acesso em: 19 maio 2015. Para detalhes a respeito do documento e do contexto histórico de sua formulação, consultar Silveira (2014, p. 23-103).

¹⁴ Essas duas obras foram publicadas como um único volume – o 5 – na série Dietrich Bonhoeffer Works, English.

INTER-LEGERE

RELIGIÃO E POLÍTICA EM DIETRICH BONHOEFFER

Carlos Caldas

Christum treibet, ou seja, “o que exalta a Cristo”. Conforme Bonhoeffer (2010, p. 12), “se pois quisermos ler e orar as orações da Bíblia, especialmente os Salmos, então não devemos começar indagando o que elas têm a ver conosco, mas devemos perguntar o que elas têm a ver com Jesus Cristo”. Pouco mais adiante, na mesma linha hermenêutica cristológica de inspiração luterana, Bonhoeffer (2010, p. 16-17) afirma:

Como é possível que uma pessoa humana e Jesus Cristo orem o Saltério simultaneamente? O Filho de Deus se tornou homem e suportou, na sua própria carne, toda a fragilidade humana. Aqui Ele derrama o coração de toda a humanidade diante de Deus. Ele assumiu o nosso lugar e intercede por nós. Jesus conheceu os tormentos e a dor, a culpa e a morte em maior profundidade do que nós. Por isso, Ele eleva a Deus a oração da natureza humana que Ele assumiu. É realmente nossa oração. No entanto, como Jesus nos conhece melhor do que nós mesmos (já que Ele mesmo foi verdadeiro homem em nosso favor), a oração também é realmente sua oração e só poderá tornar-se nossa porque foi sua (BONHOEFFER, 2008, p. 49-54)¹⁵.

A segunda razão pela qual essa obra, a despeito de seu diminuto tamanho, é importante deve-se ao contexto histórico no qual foi produzida: na época, estava em pleno vigor na Alemanha o projeto de reconfigurar o cristianismo em moldes arianos. Para tanto, houve um esforço deliberado para apagar todo traço de “judeidade” da fé cristã. Ao exaltar a importância dos Salmos na vida devocional cristã, Bonhoeffer lembra a figura do Rei Davi, a quem a tradição atribui a autoria de boa parte do Saltério. Davi torna-se uma espécie de símbolo do elemento judaico, que é a raiz e o berço da fé cristã. Dessa maneira, Bonhoeffer implicitamente critica o projeto de cristianismo ariano em voga em seu país naquele tempo. Não é de se admirar que o livro tenha sido censurado pelo Partido Nacional-Socialista¹⁶ e somente tenha sido reeditado na Alemanha na década de 1950, anos depois do fim da guerra

¹⁵ Esse livro é uma coletânea organizada na Alemanha em 2002 por Manfred Weber, com sermões e prédicas de Bonhoeffer, extraídas de várias de suas fontes primárias.

¹⁶ Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (*National-sozialistische Deutsche Arbeiterpartei*).

INTER-LEGERE

RELIGIÃO E POLÍTICA EM DIETRICH BONHOEFFER

Carlos Caldas

(METAXAS, 2010, p. 368). Quanto ao aspecto teológico propriamente do livro, percebe-se que Bonhoeffer trabalha a partir da ideia barthiana de graça¹⁷: nós não “alcançamos”, por assim dizer, a Deus com nossas orações, mas com as orações “dele”, isto é, os Salmos que Jesus orou.

Em setembro de 1933 (entre os dias 15 e 20), Bonhoeffer participou da conferência da World Alliance, entidade do mundo ecumênico (precursora do Conselho Mundial de Igrejas), em Sofia, Bulgária. Aproveitou a oportunidade para informar confidencialmente a alguns dos líderes eclesiais que também lá estavam, notadamente o bispo luterano sueco Valdemar Ammundsen, que se revelou corajoso aliado ao movimento cristão de resistência a Hitler na Alemanha (SCHLIENGENSIEPEL, 2010, p. 424; METAXAS, 2010, p. 189). Ainda que não tenha alcançado grande repercussão, essa atitude de Bonhoeffer foi de fato estratégica, pois o Partido Nacional-Socialista na Alemanha tinha grande preocupação com a maneira pela qual o resto da comunidade mundial via o que estava acontecendo no país. Nesse sentido, uma “contrapropaganda” seria extremamente importante para desconstruir os esforços da máquina de propaganda nazista no exterior. O movimento ecumênico poderia potencialmente ser uma peça fundamental nessa engrenagem. Daí a importância de passar informações sobre o verdadeiro estado de coisas na Alemanha para líderes como o inglês Bell e o sueco Ammundsen, que por sua vez poderiam em seus países, sem medo de censura governamental, espalhar essas notícias para todo o mundo. De fato, o bispo Bell, na qualidade de presidente do Conselho Mundial para o Cristianismo Prático (outra entidade precursora do atual Conselho Mundial de Igrejas), publicou uma carta pastoral ecumênica condenando o *Führerprinzip* – “Princípio do Führer” – e a discriminação racial da igreja alemã, que se vendeu e se rendeu ao Nacional Socialismo (MILSTEIN, 2006, p. 44).

Tão logo chegou de sua viagem à Bulgária, no dia 27 de setembro, Bonhoeffer e alguns de seus amigos protestaram contra o “Sínodo Nacional” dos *Deutsche Christen*, convocado para se reunir exatamente em Wittenberg, o berço da

¹⁷ Essa noção de graça com que Bonhoeffer trabalha em *Orando com os Salmos* faz lembrar a ideia de *gratia preveniens* (“graça proveniente”), que já se encontra em Agostinho.

INTER-LEGERE

RELIGIÃO E POLÍTICA EM DIETRICH BONHOEFFER

Carlos Caldas

reforma de Lutero. Bonhoeffer e Hildebrandt distribuíram, a todos os que encontraram em Wittenberg, cópias do manifesto da Aliança de Emergência de Pastores contra o Parágrafo Ariano. Os dois enviaram um telegrama a Ludwig Müller pedindo deste uma resposta à questão do referido Parágrafo Ariano, porém jamais receberam resposta (SCHLINGENSIEPEN, 2010, p. 424; METAXAS, 2010, p. 189-190)¹⁸.

No mesmo ano de 1933, no mês de outubro, Bonhoeffer foi para Londres, onde por dois anos pastoreou uma paróquia luterana de língua alemã (BONHOEFFER, 2008). Em Londres se encontrou pela primeira vez com George Bell, bispo anglicano de Chichester. Outro encontro dos dois aconteceu anos mais tarde, já durante a guerra, em Sigtuna, Suécia, país neutro, no qual Bonhoeffer passou informações sobre o estado de coisas na Alemanha, que Bell deveria repassar ao comando militar inglês quando retornasse ao seu país¹⁹. Depois desse breve tempo, Bonhoeffer voltou para a Alemanha, pois entendia que devia compartilhar das lutas do seu povo, e não olhar egoisticamente apenas para sua própria segurança. O ano de 1936 foi importante para os propósitos do governo alemão, que fora bem-sucedido em conseguir que Berlim sediasse os Jogos Olímpicos. A máquina de propaganda nazista não poderia perder uma oportunidade como aquela de divulgar para o mundo o sucesso do partido em todas as áreas, não apenas nos esportes. A direção da igreja estatal mandou instalar uma grande tenda perto da entrada do estádio de Berlim para a realização de atividades de cunho religioso. Pensava-se que pastores opositores da Igreja Confessante, como o próprio Bonhoeffer, poderiam participar como preletores nos diversos eventos agendados para os dias dos jogos. A esse respeito, Bonhoeffer declarou:

Fiquei particularmente aborrecido quando nos pediram para enviar uma fotografia, porque eles queriam fazer um livreto de propaganda

¹⁸ Schlingensiepen, 2010, p. 424; Metaxas, 2010, p. 189-190.

¹⁹ O bispo Bell foi um pioneiro do movimento ecumênico e desempenhou um papel importante nos anos imediatamente anteriores à guerra e durante ela, ao assumir o papel de uma espécie de advogado da Igreja Confessante alemã fora da Alemanha. Para detalhes sobre sua trajetória teológica e pastoral, consultar, inter alia, Jasper (1967).

INTER-LEGERE

RELIGIÃO E POLÍTICA EM DIETRICH BONHOEFFER

Carlos Caldas

com a nossa foto publicada. Achei isto ridículo e degradante e não vou lhes enviar nada em hipótese nenhuma. Em minha opinião isto é completamente ultrapassado. Eu vou escrever a eles e dizer tudo isto (BETHGE, 1970, p. 446-447).

Não é de se admirar que no mesmo ano ele tivesse cancelada sua *venia legendi* (“licença para ensinar”), pois fora denunciado como pacifista e inimigo do *Reich*. No ano seguinte, o seminário de Finkenwalde foi fechado por ordem direta de Heinrich Himmler (1900-1945), comandante da temida *Schutzstaffel*, a SS, a Polícia do Estado na Alemanha nazista, uma espécie de “guarda pretoriana” de Hitler.

No mesmo ano de 1937, Bonhoeffer produziu a que sem dúvida é sua obra mais famosa, que o fez conhecido como teólogo ainda em vida: *Discipulado* (BONHOEFFER, 1995). À semelhança de *Orando com os Salmos* e *Vida em comunhão*, *Discipulado* é uma obra de cunho devocional e consta no rol das obras-primas da espiritualidade cristã do século passado. É um comentário ao Sermão da Montanha (Mt 5-7) que não esconde crítica contundente ao espírito de “cristandade” existente na Alemanha da época, em que se pensava que ser cristão é uma questão meramente cultural e latitudinal: quem nasceu na Alemanha é cristão por definição. Percebe-se a influência que Bonhoeffer recebeu de Søren Kierkegaard (1813-1855), filósofo dinamarquês, pai da vertente cristã do existencialismo filosófico, que cerca de cem anos antes havia criticado a mesma situação em seu país. Em *Discipulado*, aparecem os famosos conceitos bonhoefferianos, tantas vezes citados, de “graça barata” (*billige gnade*) e “graça preciosa” (*teure gnade*). Bonhoeffer enfatiza a radicalidade do chamado de Jesus aos que querem segui-lo – seguir Jesus é tomar a cruz (cf. Lc 9.23). A definição de Bonhoeffer tornou-se muito conhecida:

Graça barata é a pregação do perdão sem exigência de arrependimento, do batismo sem a disciplina da igreja, de comunhão sem confissão, de absolvição sem confissão pessoal. Graça barata é graça sem discipulado, graça sem a cruz, graça sem Jesus Cristo, vivo e encarnado (BONHOEFFER, 1995, p. 47).

INTER-LEGERE

RELIGIÃO E POLÍTICA EM DIETRICH BONHOEFFER

Carlos Caldas

A ênfase que Bonhoeffer dá à cruz no processo do discipulado cristão revela mais uma vez a influência que recebeu de Lutero, nesse caso, especificamente da ideia luterana da *theologia crucis* (“teologia da cruz”), contrastada com a *theologia gloriae* (“teologia da glória”).

Em 1939, Bonhoeffer viajou pela segunda vez aos Estados Unidos. Foi como representante do então nascente movimento ecumênico protestante europeu. Poderia ter lá ficado, pois foi o ano em que a guerra começou na Europa, todavia, entendeu que deveria voltar, uma vez que não queria que houvesse contradição entre o que pregava e sua prática de vida²⁰. Ao voltar, recebeu proibição governamental de falar em público e de publicar artigos ou livros, mas foi contratado pelo Almirante Wilhelm Canaris (1887-1945) para trabalhar na Abwehr, a inteligência alemã²¹. Canaris, que, tal como o já citado Martin Niemöller, fora combatente na Marinha de Guerra alemã na Primeira Mundial, fazia parte da resistência alemã a Hitler. Bonhoeffer então conscientemente entrou em um jogo perigoso por demais: o de espião duplo. Supostamente, iria colher informações para o governo alemão, mas na verdade ele estava fazendo o contrário. Ele sabia dos riscos que corria e mesmo assim os assumiu. Bethge observou que Bonhoeffer, mesmo levando uma “vida dupla”, em nenhum momento descuidou de seu envolvimento ativo com a Igreja Confessante, especialmente do seu papel junto aos jovens seminaristas:

A vida dupla que Bonhoeffer agora levava não o fez menos envolvido com o destino da Igreja Confessante. A despeito de suas obrigações para com as autoridades militares, seu relacionamento oficial com a igreja permaneceu intacto (BETHGE, 1970, p. 590).

Na mesma linha de raciocínio, Bethge complementa:

²⁰ Observa-se um contraste com a escolha de outro teólogo protestante famoso desse mesmo período, Paul Tillich, que, percebendo o rumo da situação na Alemanha, foi para os Estados Unidos já em 1933 e lá ficou até sua morte, em 1965.

²¹ Para detalhes sobre Canaris, consultar Bassett (2007).

INTER-LEGERE

RELIGIÃO E POLÍTICA EM DIETRICH BONHOEFFER

Carlos Caldas

A chance que a Abwehr lhe deu de continuar a viver como civil o deixou livre ao mesmo tempo para continuar a fazer o que ele fora chamado a fazer nos últimos dez anos: assumir a causa dos jovens teólogos mesmo em meio às condições prevalecentes de guerra, e ao mesmo tempo de trabalhar como teólogo. A nova vida dupla não lhe deu um sentimento de desunião; pelo contrário, um lado do seu trabalho dava apoio ao outro (BETHGE, 1970, p. 606).

Em 1942, valendo-se das prerrogativas de funcionário da Abwehr, Bonhoeffer auxiliou um grupo de 14 judeus alemães para que escapassem para a Suíça, neutra na guerra, no que ficou conhecido como *Unternehmen 7* (“Operação 7”)²². Contudo, os espões eram espionados: havia uma rixa entre a Abwehr e a Gestapo, e esta última descobriu o envolvimento de Bonhoeffer com a referida empreitada que deu fuga ao citado grupo de judeus. Bonhoeffer foi preso. Juntamente com ele, o Almirante Canaris, o General Hans Oster, que também trabalhava para a Abwehr, e Hans von Dohnanyi, casado com Christine Bonhoeffer, uma das irmãs de Dietrich. Bonhoeffer foi levado para a prisão militar de Tegel, onde ficou por cerca de um ano e meio. Preso, continuou a escrever *Ética* (BONHOEFFER, 2009). Vale registrar que ele já trabalhava no manuscrito dessa obra em 1940, quando passou um tempo no mosteiro beneditino de Ettal, nas imediações de Munique, em uma espécie de retiro espiritual, e muitas das cartas e textos que foram postumamente publicados com o título *Resistência e submissão* (BONHOEFFER, 2003) são textos densos, mas que ficaram incompletos, tendo, portanto, caráter fragmentário. São desses textos expressões que se tornaram conhecidas, como “cristianismo arreligioso”²³ e “mundo adulto” (*Die Mundige Welte*)²⁴.

Como sempre, em toda sua produção teológica, em sua *Ética*, percebe-se um forte acento cristológico, que Andreas Pangritz chama de “concentração cristológica” (PANGRITZ, 1999, p. 134-136). A ética de Bonhoeffer é uma ética da ação responsável da Igreja no mundo. Defende o teólogo que há duas maneiras de se

²² Para detalhes, consultar Haynes (2007).

²³ Para detalhes sobre o enigmático conceito bonhoefferiano de “cristianismo arreligioso”, consultar Barcala (2010).

²⁴ Para detalhes sobre o conceito bonhoefferiano de “mundo adulto” (e as implicações para o agir pastoral em tal mundo), consultar, inter alia, Selby, 1999, p. 226-245.

INTER-LEGERE

RELIGIÃO E POLÍTICA EM DIETRICH BONHOEFFER

Carlos Caldas

discernir a vontade de Deus em uma situação concreta: a primeira é a necessidade do próximo (nunca a da própria pessoa em primeiro lugar) e a segunda, o exemplo de Jesus. Porém, Bonhoeffer prosseguiu preso²⁵. Depois de a tentativa de assassinato de Hitler – a *Operação Valquíria (Unternehmen Walküre)*, que se tornou muito conhecida recentemente por causa da produção cinematográfica hollywoodiana homônima –, acontecida em 20 de julho de 1944, ter fracassado, os líderes e demais envolvidos foram presos. Com isso, Bonhoeffer foi transferido para o campo de concentração de Buchenwald e, depois, para o de Flossenburg. Não é difícil imaginar o sofrimento de um homem jovem, que ainda não tinha 40 anos, que nunca passou necessidade na vida, tendo recebido educação sofisticada, ao ser preso. Bonhoeffer estava longe de sua noiva, Maria von Wedemeyer (eles haviam oficializado o noivado poucos meses antes da sua prisão)²⁶, longe de seus pais, longe do convívio com os irmãos e irmãs na fé, mas permanecia ativo e escrevendo (seus textos são levados para fora da prisão graças à boa vontade de um carcereiro que fazia “vista grossa” quando o prisioneiro Bonhoeffer recebia visitas). Ele escreveu poesias e orações durante o tempo em que esteve encarcerado, e não apenas cartas e textos de conteúdo teológico. Começou até a escrever um romance e um drama, mas não teve tempo de terminá-los (MILSTEIN, 2006, p. 83). Uma de suas poesias mais tocantes é *Wer bin ich?* (“Quem sou eu?”):

Quem sou eu?

Quem sou eu? Seguidamente me dizem
Que deixo a minha cela
Serenos, alegres e firmes,

²⁵ Para um detalhamento do tempo de Bonhoeffer na prisão, consultar Milstein (2006, p. 79-94).

²⁶ Em 1948, Maria von Wedemeyer mudou-se para os Estados Unidos, onde permaneceu até sua morte, em 1977. Ela casou-se e teve filhos, mas manteve consigo as cartas que trocou com seu então noivo Dietrich Bonhoeffer. Maria deixou as cartas com sua irmã, Ruth-Alice, com ordem expressa de que o material somente seria divulgado depois da sua morte. Ruth-Alice obedeceu, e apenas depois do falecimento de sua irmã é que organizou as cartas e as publicou em forma de livro. Para detalhes, ver Von Bismark (1995, passim).

INTER-LEGERE

RELIGIÃO E POLÍTICA EM DIETRICH BONHOEFFER

Carlos Caldas

Qual dono que sai do seu castelo
Quem sou eu? Seguidamente me dizem
Que falo com os que me guardam
Livre, amável e com clareza,
Como se fosse eu a mandar.
Quem sou eu? Também me dizem
Que suporto os dias do infortúnio
Impassível, sorridente e altivo,
Como alguém acostumado a vencer.
Sou mesmo o que os outros dizem a meu respeito?
Ou sou apenas o que eu sei a respeito de mim mesmo?
Inquieto, saudoso, doente, como um pássaro na gaiola,
Respirando com dificuldade, como se me apertassem a garganta,
Faminto de cores, de flores, do canto dos pássaros,
Sedento de palavras boas, de proximidade humana,
Tremendo de ira por causa da arbitrariedade e ofensa mesquinha
Irrequieto à espera de grandes coisas
Em angústia impotente pela sorte de amigos distantes,
Cansado e vazio até para orar, para pensar, para criar,
Desanimado e pronto para me despedir de tudo?
Quem sou eu? Este ou aquele?
Sou hoje este e amanhã um outro?
Sou ambos ao mesmo tempo? Diante das pessoas um hipócrita?
E diante de mim mesmo um covarde queixoso e desprezível?
Ou aquilo que ainda há em mim será como um exército derrotado,
Que foge desordenado à vista da vitória já obtida?
Quem sou eu? O solitário perguntador zomba de mim.
Quem quer que eu seja, ó Deus, tu me conheces.

INTER-LEGERE

RELIGIÃO E POLÍTICA EM DIETRICH BONHOEFFER

Carlos Caldas

Sou teu (MILSTEIN, 2006, p. 85)²⁷.

Merece menção o que Bonhoeffer disse a respeito de sua situação como encarcerado: “Tempos de separação não são tempo perdido e estéril para a convivência; em todo o caso, não o são necessariamente, pois neles pode formar-se – apesar de todos os problemas – uma comunhão singularmente forte” (BONHOEFFER, 2003, p. 237).

No dia 8 de abril de 1945, foi emitida a sentença de morte do prisioneiro Bonhoeffer, por ordem direta do próprio Hitler. No dia seguinte, ele foi executado, por enforcamento (para prolongar a dor e o sofrimento), juntamente com o Almirante Canaris e o General Oster. A caminho da forca, pronunciou suas últimas palavras: *Das ist das Ende - für mich der Anfang des Lebens* – “Este é o fim – para mim, o início da vida”.

Conclusão inconclusa...

... em Bonhoeffer, não custa repetir, encontra-se notável coerência entre ação pastoral e reflexão teológica a serviço da vida, a serviço dos mais necessitados, dos oprimidos. Não é sem razão que ele tenha influenciado muito a Jürgen Moltmann, talvez o principal teólogo vivo, criador da *Theologie der Hoffnung*, a “teologia da esperança”, uma reflexão teológica “pé no chão”, que por sua vez influenciou teólogos latino-americanos da libertação, bem como teólogos latino-americanos ecumênicos protestantes. Em todos esses casos, é evidenciada uma teologia que não é mera especulação, nem abstração teórica, nem simples exercício intelectual. Antes, nesses exemplos todos, e em Bonhoeffer, que nesse caso é uma espécie de “pai de todos”, o que há é uma conjugação teológica que desemboca no político. Seu propósito não era legitimar um constantinismo da Igreja, querer auferir do Estado benesses e privilégios, como acontece com muita frequência no contexto brasileiro, muito pelo contrário. Em Bonhoeffer, a teologia se faz política como

²⁷ Para o texto da poesia em alemão, consultar <<http://www.dietrich-bonhoeffer.net/predigttext/werbin-ich/>>. Acesso: 21 jun. 2015.

INTER-LEGERE

RELIGIÃO E POLÍTICA EM DIETRICH BONHOEFFER

Carlos Caldas

vivência do *Nachfolge*, o discipulado, seguimento de Cristo, o Cristo que revela Deus.

Nos últimos dias de sua curta, porém produtiva, caminhada, Bonhoeffer, preso no campo de concentração em Flossenburg (onde no dia 9 de abril de 1945 seria enforcado), escreveu para seus pais, sua noiva e seu amigo e ex-aluno Eberhard Bethge, que se casou com uma das sobrinhas do teólogo. Essa correspondência depois da guerra foi reunida pelo citado Bethge em um volume que recebeu o título de *Widerstand und Ergebung – Resistência e submissão*. Uma das frases mais contundentes de Bonhoeffer é que igreja somente é igreja quando o é para os outros. Para manter a bela sonoridade do alemão, *Die Kirche ist nur Kirche, wenn sie für andere da ist*.

Em Bonhoeffer, a teologia e a reflexão política estão juntas, para o bem da vida. Nesse sentido, pode-se afirmar, sem medo de errar, que Bonhoeffer é um caso de teologia pública *avant la lettre*. No ano do 70º aniversário de sua execução em um campo de concentração, fica a lembrança eloquente de sua trajetória profética e pastoral, que continua a desafiar para fazer uma reflexão teológica que leva a sério *das andere*, o “outro”.

REFERÊNCIAS

BARCALA, Martin Santos. *Cristianismo Arreligioso: uma análise do desenvolvimento e recepção da teologia de Dietrich Bonhoeffer*. São Paulo: Arte Editorial, 2010.

BASSETT, Richard. *Almirante Canaris: misterioso espião de Hitler*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

BETHGE, Eberhard. *Dietrich Bonhoeffer: a Biography*. New York: Collins, 1970.

BONHOEFFER, Dietrich. *Sanctorum Communio: a Theological Study of the Sociology of the Church*. Dietrich Bonhoeffer Works, English. v. 1. Minneapolis: Fortress Press, 2009.

INTER-LEGERE

RELIGIÃO E POLÍTICA EM DIETRICH BONHOEFFER

Carlos Caldas

BONHOEFFER, Dietrich. Discipulado. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1995.

BONHOEFFER, Dietrich. Vida em comunhão. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

BONHOEFFER, Dietrich. Ética. 9. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2009.

BONHOEFFER, Dietrich. Resistência e submissão. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

BONHOEFFER, Dietrich. Act and Being: transcendental philosophy and ontology in Systematic Theology. Dietrich Bonhoeffer Works, English. v. 2. Minneapolis: Fortress Press, 1996.

BONHOEFFER, Dietrich. Creation and Fall. Dietrich Bonhoeffer Works, English. v. 3. Minneapolis: Fortress Press, 2004.

BONHOEFFER, Dietrich. Barcelona, Berlin, New York: 1928-1931. Dietrich Bonhoeffer Works, English. v. 10. Minneapolis: Fortress Press, 2008.

BONHOEFFER, Dietrich. A resposta às nossas perguntas: reflexões sobre a Bíblia. São Paulo: Loyola, 2008.

BONHOEFFER, Dietrich. Orando com os Salmos. Curitiba: Encontro, 2010.

DUCHROW, Ulrich. Os dois reinos: uso e abuso de um conceito teológico luterano. São Leopoldo: Sinodal, 1987.

FERREIRA, Franklin. A Igreja confessional alemã e a “Disputa pela Igreja” (1933-1937). Fides Reformata, v. 15, p. 14, 2010/1. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/franklinIgrejaConfessional.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2015.

HANSEN, Guillermo. La crítica cristológica de Bonhoeffer a la hermenêutica ‘pseudo-luterana’ de las esferas. Numen. Revista de Estudos e Pesquisa de Religião, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 31-78, 2003.

INTER-LEGERE

RELIGIÃO E POLÍTICA EM DIETRICH BONHOEFFER

Carlos Caldas

HAYNES, Stephen R. Bonhoeffer, the Jewish People and Post-Holocaust Theology: Eight Perspectives; Eight Theses. *Studies in Christian-Jewish Relations*, v. 2, n. 1, p. 36-52, 2007. Disponível em: <<http://ejournals.bc.edu/ojs/index.php/scjr/article/viewFile/1401/1291>>. Acesso em: 10 out. 2015.

JANZ, Paul. *God, the Mind's Desire: reference, reason and Christian thinking*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

JASPER, Ronald C. D. *George Bell, Bishop of Chichester*. Oxford: Oxford University Press, 1967.

KELLY, Geoffrey B.; NELSON. F. Burton (Org.). *A Testament to Freedom: The Essential Writings of Dietrich Bonhoeffer*. San Francisco: Harper Collins, 1995.

KNIEBE, Tobias. *Operação Valquíria*. São Paulo: Planeta, 2009.

LUTZER, Erwin. *A cruz de Hitler*. São Paulo: Vida, 2004.

MANVELL, Roger, Fraenkel, Heinrich. *Os homens que tentaram matar Hitler*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1966.

METAXAS, Eric. *Bonhoeffer: Pastor, Martyr, Prophet, Spy*. Nashville: Thomas Nelson, 2010.

MILSTEIN, Werner. *Dietrich Bonhoeffer: vida e pensamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

OLIVEIRA, André Tadeu de. *Nazismo e religião: entre a aliança e o conflito*. São Paulo: Reflexão, 2011.

PANGRITZ, Andreas. *To Fall Within the Spokes of the Wheel: new-old Observations Concerning The Church and the Jewish Question*. In: NIELSEN, Kirsten Busch; WÜRSTENBERG, Ralf K.; ZIMMERMANN, Jens (Ed.). *Dem Rad in die Speichen*

INTER-LEGERE

RELIGIÃO E POLÍTICA EM DIETRICH BONHOEFFER

Carlos Caldas

fallen. Das Politische in der Theologie Dietrich Bonhoeffers/A Spoke in the Wheel: the political in the Theology of Dietrich Bonhoeffer. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 2009.

PANGRITZ, Andreas. Who is Jesus Christ for us Today? In: GRUCHY, John W. (Ed.). The Cambridge Companion to Dietrich Bonhoeffer. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

RAMOS, Luciana Soares. A recepção da teologia de Dietrich Bonhoeffer na América Latina. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2007.

SCHLINGENSIEPEN, Ferdinand. Dietrich Bonhoeffer 1906-1945: Martyr, Thinker, Man of Resistance. London: T & T Clark, 2010.

SILVEIRA, Julio Cesar. Igreja: vocação para a desobediência: uma leitura da Declaração de Barmen feita a partir da teologia de Karl Barth. Curitiba: Prismas, 2014.

SELBY, Peter. Christianity in a World Come of Age. In: GRUCHY, John W. (Ed.). The Cambridge Companion to Dietrich Bonhoeffer. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

STEIGMANN-GALL, Richard. O Santo Reich: concepções nazistas do cristianismo, 1919-1945. Rio de Janeiro: Imago, 2004.